Globethics Repository



Pluralismo religioso, sexualidade e experiência religiosa entre estudantes de ensino fundamental e médio [Religious pluralism, sexuality and religious experience among elementary students and middle]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	de Campos Gomes, Edlaine;de Mello Jabor, Juliana
Publisher	Universidade Federal de Juiz de Fora
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-10-30 17:21:14
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/220241

Pluralismo religioso, sexualidade e experiência religiosa entre estudantes de ensino fundamental e médio

*Edlaine de Campos Gomes**
*Juliana de Mello Jabor***

Resumo

Diante do quadro de pluralidade do campo religioso brasileiro, impulsionado especialmente pelo crescimento, participação política e visibilidade das chamadas religiões pentecostais nas últimas três décadas, vimos surgir posicionamentos institucionais distintos em relação aos temas associados à sexualidade como o aborto, os métodos contraceptivos, a virgindade e o homossexualismo. Será que é possível pensar que as interpretações individuais decorrem exclusivamente das orientações institucionais? A proposta desse artigo é apresentar a análise de resultados sugeridos pela pesquisa realizada junto a 198 estudantes, com idade entre 14 e 18 anos, do ensino fundamental e médio da rede pública do estado de Santa Catarina. A pesquisa teve como objetivo estabelecer uma interface entre "ethos privado" e "experiência religiosa", no sentido de perceber a relação entre pertencimento, adesão religiosa e posturas individuais.

Palavras-chave: sexualidade, pluralismo religioso, posturas individuais e experiência religiosa

* Doutora em Ciências Sociais/PPCIS-UERJ - Grupo de Pesquisa: Família, Reprodução e Ethos Religioso [PPGAS/Museu Nacional].
** Mestranda em Antropologia Social/ PPGAS - Museu Nacional - Grupo de Pesquisa: Família, Reprodução e Ethos Religioso [PPGAS/Museu Nacional].

Abstract

In a context of religious pluralism, intensified particularly by the growth, political participation and visibility of the so-called Pentecostal churches in the last decades, different institutional positions have been taken in Brazil on such sex-related themes as abortion, contraception, virginity and homosexuality. Do individual interpretations derive solely from institutional orientations? This paper analyzes results suggested by a survey of 198 students, aged 14 to 18, at public primary and secondary schools in the state of Santa Catarina. The purpose of the study was to determine the links between "private ethos" and "religion experience" in order to understand the relationship between religious belonging and adhesion and individual positions.

Key-words: sexuality, religious pluralism, individual positions and religious experience

Introdução

As considerações presentes nesta apresentação decorrem de uma pesquisa quantitativa sobre religião e sexualidade realizada junto aos alunos do Instituto Estadual de Educação de Florianópolis/SC. Trata-se de um trabalho com perfil quantitativo, mas que se pauta por um interesse antropológico, na medida em que nos auxilia a elaborar e discutir questões fundamentalmente qualitativas constantes de nosso projeto de pesquisa sobre "Família, Reprodução e Ethos Religioso".[1]

A realização dessa pesquisa quantitativa teve como motor discussões teóricas, realizadas por nosso grupo de pesquisa, da literatura contemporânea sobre pluralismo, trânsito e exclusivismo religioso, especialmente no que se refere às transformações no perfil religioso brasileiro nas últimas décadas. A temática "pluralismo religioso" apareceu como um ponto significativo no debate, identificado através da proliferação do campo evangélico e do fortalecimento e crescimento acentuado de algumas de suas representantes, principalmente, daquelas associadas ao pentecostalismo. A pri-

[1] Projeto "Família, Reprodução e Ethos Religioso", financiado pela Fundação Ford, sob a coordenação de Luiz Fernando Dias Duarte. Cf. indicações bibliográficas completas na **Bibliografia**, ao final do artigo.

meira pergunta que nos colocávamos era se a relação entre pluralismo institucional e adesão religiosa poderia ser aplicada de forma a abranger, homogeneamente, o país como um todo.

Dados de pesquisas recentes mostram diferenças regionais significativas no que se refere à perda da hegemonia católica e ao crescimento do pluralismo religioso, impulsionado pelo crescimento dos evangélicos. No primeiro aspecto, embora 74% da população se classifique como católica, o Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais[2] mostrou que o "ritmo de crescimento do número de católicos" diminuiu em relação ao crescimento da população. A projeção possível é de que, em 2010, o número de católicos caia para 65%. No aspecto seguinte, podemos perceber que o crescimento dos evangélicos (classificados como "de missão" e "pentecostais") foi impulsionado pelo aumento significativo do número de pentecostais, que passaram de 6% para 10,6%, considerando os dados de 1991 e 2000.

O Sul do país é apontado como uma área de resistência ao movimento de diversificação religiosa pentecostal, sendo uma região dominada pelo catolicismo e pelos evangélicos de missão, ficando o processo de diversificação focado neste último. Diante da experiência de uma das pesquisadoras junto a professores de Ensino Religioso no Estado de Santa Catarina[3], vimos que havia um campo interessante – e acessível – para realizarmos um levantamento que estabelecesse possíveis comparações com os dados apontados pelo Censo 2000 e analisados pelo "Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais", bem como travar um diálogo com da-

---

[2] C. R. JACOB, *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil.*

[3] O contato direto com professores de Ensino Religioso da rede pública do estado de Santa Catarina ocorreu num momento de reformulação proposta pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN – Lei 9.394) – alteração constante na Lei 9.475/97 art. 33 – que se orienta pelo caráter não-confessional do Ensino Religioso, tendo como preocupação principal o quadro contemporâneo de pluralismo religioso e a qualificação específica em Ciências da Religião para o professor responsável pela disciplina. O Estado de Santa Catarina foi o único a manter uma política de implementação das alterações propostas por essa lei, promovendo cursos de graduação em Ciências da Religião, obviamente, não sem grandes polêmicas e discussões acerca do papel e identidade da disciplina e dos professores.

dos de outras pesquisas que estávamos discutindo, como é o caso da sempre citada "Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política".[4] É nesse ponto que incluímos a pesquisa quantitativa em nosso debate, realizada em outubro de 2003, numa escola pública de Florianópolis.

1 Primeiras considerações sobre a pesquisa: a "religião" dos estudantes

O questionário foi montado de maneira a nos dar subsídios para discutirmos sobre temas mais gerais sobre religião – diversidade, trânsito, transmissão religiosa –, mas, principalmente, para a análise da articulação entre "ethos privado" e "experiência religiosa". As questões formuladas se basearam no questionário realizado pelo Projeto Gravad, coordenado por Maria Luiza Heiborn, financiado pela Fundação Ford. Incluímos questões que possibilitassem a discussão sobre a pertinência de considerarmos níveis distintos de envolvimento – "pertencimento", "adesão" e "ethos" – do indivíduo em relação à sua confissão religiosa, assim como sugerido por Duarte.[5] Formulamos questões específicas sobre a temática geral do projeto de pesquisa "Família, Reprodução e Ethos Religioso", privilegiando questões polêmicas e críticas como o aborto, a virgindade, uso de contraceptivos e o homossexualismo.

Cento e noventa e oito (198) estudantes, com idade entre 12 e 20 anos, responderam ao questionário. Todos os informantes estavam cursando ou já haviam cursado a matéria "Ensino Religioso", ministrada pela mesma professora, que trabalhava junto a 22 turmas no ano da coleta dos dados.[6] Ela própria se encarregou de submeter o questioná-

[4] R. C. FERNANDES, *Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na Igreja e na política.*

[5] L. F. D. DUARTE, Ethos privado e racionalização religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira. Comunicação apresentada ao Seminário "Religião e Sexualidade: Convicções e Responsabilidades".

[6] Maria Antônia Canever é formada em Ciências de Religião, foi aluna e orientanda de Edlaine de C. Gomes, uma das autoras deste artigo.

rio formulado pelas autoras aos seus alunos e ex-alunos. Esse critério foi adotado para caracterizar o grupo pesquisado, com o objetivo de termos um padrão que baseasse a análise dos dados. Estaremos atentas – mas não aprofundaremos no momento – quanto a dois limites que cercam a pesquisa realizada: 1) a efetiva participação dessa professora na coleta dos dados, o que invoca relações de poder entre professor e aluno, nos leva a considerar a possibilidade desses alunos responderem às questões para "agradar à professora", ou mesmo no sentido de expressar uma "tolerância externalista" em relação aos temas críticos abordados, como o aborto e o homossexualismo; 2) o reconhecimento do espaço escolar como arena crucial de vivência e definição de gênero, marcada por questões específicas em relação à sexualidade/ identidade de gênero/ "adolescência".

A questão da diversificação de identidades religiosas em sala de aula ficou evidenciada em conversas prévias realizadas com essa professora, que indicou a presença de uma grande tensão entre os alunos. Discussões e preconceitos eram intensificados pela postura de forte adesão dos evangélicos, dentre estes os pentecostais. Embora esse grupo fosse minoria, seu estilo proselitista, sua ênfase no testemunho e no fundamentalismo no evangelho, e a rejeição de qualquer idéia de sincretismo ou ecumenismo, vêm alterando não só as relações em sala de aula, mas na sociedade como um todo.

Segundo nossa informante, uma das questões mais prementes girava em torno da relação entre sexualidade e religião, visivelmente impulsionada pela faixa etária dos alunos. Virgindade, reprodução, aborto, homossexualismo e métodos contraceptivos eram temas recorrentes nos debates em sala, geralmente baseados por informações que os alunos traziam do seu próprio cotidiano.

O perfil religioso desses estudantes indica uma característica interessante em relação ao quadro geral da Religião no Brasil.[7] A questão "Qual é a sua religião?" foi colocada de maneira a ser respondida livremente. Salvaguardando os

[7] Nos dados do Censo IBGE (2000) temos os seguintes números: católicos 73,9%, evangélicos 15,6%, outras religiões 3,2%, sem religião 7,4%.

limites de nossa pesquisa, observamos que o catolicismo foi assumido como confissão religiosa em 65% (130) do total de questionários. O número dos "sem religião" ficou bem próximo daquele apontado pelo Censo 2000 (7,4), com 7% de respostas apontando a não adesão institucional. Dos treze alunos que se identificaram como "sem religião", quatro indicaram o termo "ateu" como resposta à questão. Esse dado é significativo para a problematização da categoria "sem religião", que pode significar a não-crença/ateu, mas também a não filiação a uma instituição religiosa – o que não significa ausência de crenças e/ou práticas religiosas – ou ainda a recusa dos evangélicos pelo termo "religião", que eles associam ao "tradicionalismo católico" em oposição ao ideal de "autenticidade" da "vida cristã".

Os números que mais chamaram nossa atenção foram os relativos aos evangélicos e kardecistas. Apenas 8% (17 alunos) se declararam evangélicos, bem abaixo dos números nacionais (15,6%) indicados pelo Censo 2000. A maioria dos alunos – onze dos dezessete - utilizou o termo "evangélico" para indicar sua identidade religiosa e três adotaram o termo "cristão". Os demais assinalaram as respectivas filiações – dois Testemunhas de Jeová (considerados "neocristãos" e não evangélicos) e um Assembléia de Deus. Não houve nenhuma menção direta às igrejas chamadas "neopentecostais".

Talvez possamos recorrer à hipótese da resistência da Região Sul ao pentecostalismo, onde teríamos um "território fiel ao catolicismo".[8] Não estamos, com isso, negando o crescimento do campo evangélico nessa região, mas sim apontando que há uma especificidade a ser examinada.

Em pesquisa similar realizada com 262 alunos do Colégio Estadual Alcindo Guanabara[9], situado no município de Guapimirim, no Rio de Janeiro, vimos que os resultados são bem diferentes daqueles encontrados no Censo 2000 e

[8] C. R. JACOB, *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*, p. 15.

[9] Pesquisa realizada em 2003, sob a coordenação do sociólogo Luis Cláudio de Oliveira, que também atuava como professor de sociologia no Colégio Estadual Alcindo Guanabara.

no nosso levantamento realizado no Sul do país. No caso específico dos "evangélicos", os resultados foram muito superiores aos apresentados tanto pelo Atlas quanto pela nossa pesquisa, com 35% (91 dos 262 alunos) dos alunos se declarando "evangélico", contra 15,4% (Censo 2000) e 8% (nossa pesquisa), e 51% indicando o catolicismo como opção (Censo 74%; nossa pesquisa 65%). Entre os alunos do Colégio Alcindo Guanabara, houve um grande número de menções aos nomes específicos das denominações evangélicas das quais participavam, demostrando uma maior diversificação e predomínio de denominações evangélicas pentecostais e neopentecostais, com adesão de 62% dos alunos evangélicos.

Embora o número de evangélicos apontado em nossa própria pesquisa seja pequeno, foi possível constatar entre eles a importância da freqüentação às respectivas denominações; característica reconhecidamente inerente a este campo religioso. Considerando principalmente a participação feminina, obtivemos o seguinte resultado: dos onze estudantes evangélicos, dez disseram participar de atividades em suas denominações pelo menos três vezes por semana. No caso masculino, a participação também é semanal, com uma variação maior em quantidade de dias de freqüentação. Este resultado ratifica a pesquisa Novo Nascimento, que indicou que a prática religiosa que orienta este campo religioso "implica freqüentar a Casa do Senhor".[10]

[10] R. C. FERNANDES. *Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na Igreja e na política* p. 40. Concordamos com Fernandes, que a adesão evangélica pressupõe a freqüência, geralmente mais de três vezes na semana, em especial, no caso pentecostal. No entanto, temos que atentar para a distinção entre "freqüentadores" e "membros", pois o primeiro termo está mais relacionado, por exemplo, ao "errante da Nova Era" de acordo com Leila Amaral. Segundo esta autora,"A plasticidade da estrutura cosmológica Nova Era permite combinações que não se prendem a nenhuma sistematicidade, porque a devoção está na própria busca de sentido que não se substancializa nunca". L. AMARAL, *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo Nova Era*, p. 206. Nesse sentido, não há expectativa de nenhum tipo de vinculo institucional. No caso evangélico, aderir é freqüentar. Mas o oposto não tem o mesmo significado, na medida em que não podemos inverter a premissa. Há sempre a expectativa de que haja a adesão, seja do lado institucional seja do próprio "buscante", ou de ambos ao mesmo tempo. O que rege essa lógica é o processo de institucionalização e não a "absolutização da passagem". Ibid. p. 207. Propomos pensar, num momento posterior, na possibilidade de trabalharmos com sentidos distintos de "crente buscante" na sociedade contemporânea.

O espiritismo kardecista, com 8% de adesão, apareceu com grande peso na pesquisa que realizamos na escola de Florianópolis, ocupando o mesmo lugar que os evangélicos em termos de adesão. Outros cinco alunos assumiram uma dupla identidade, se declarando "católicos e espíritas". Nas outras duas pesquisas, que tomamos como referência, o espiritismo aparece dentro da variável "outras religiões", que, em conjunto, somam 3,2% no Censo 2000 e 3% no levantamento realizado na escola Alcindo Guanabara. Em nosso caso, o elevado índice de adesão ao espiritismo kardecista tornou obrigatória sua inclusão como grupo específico. Essa dupla pertença religiosa pode mostrar, por um lado, a tendência sincrética entre os católicos brasileiros, que tem sido tolerada pela Igreja Católica desde que o exclusivismo institucional não seja abalado.[11] Por outro, o fato de o espiritismo e o catolicismo aparecerem como religiões distintas, indicando uma dupla identidade – e não uma identidade sobreposta ou englobada pela outra, como no caso do sincretismo católico/afro-brasileiro – pode indicar a possibilidade de uma efetiva dupla adesão.

2 Religião e sexualidade

Como a variável "religião" atuou como orientadora das nossas expectativas analíticas, procuramos identificar em que medida haveria ou não uma conexão entre as posturas individuais, especialmente diante do aborto, do homossexualismo e da virgindade, e a "identidade religiosa" dos estudantes.

Ao estruturarmos o questionário, tivemos a preocupação de inserir questões que pudessem gerar cruzamentos sugestivos entre as temáticas citadas acima. A estratégia de análise que adotamos para realizá-los foi a de separar os questionários por gênero. Dentro desses dois grupos, masculino e feminino, identificamos dois subgrupos definidos pela

[11] Ver C. MARIZ; M. D. C. MACHADO, Mudanças recentes no campo religioso brasileiro. *Antropolítica*, p. 1-106.

variável "prática sexual", ou seja, aqueles que se definiram como "virgens" e aqueles que mantêm "relações sexuais".

A maioria do grupo masculino (61%) afirmou manter relações sexuais, o restante (39%) se classificou como "virgem". O início da vida sexual fica entre 15 e 16 anos. O quadro se altera bastante no caso feminino: 78% são "virgens". O início da vida sexual entre essas estudantes é semelhante ao indicado pelo grupo masculino.

Separamos os questionários do subgrupo "virgens" para identificar se a variável religião exerce algum tipo de peso sobre o posicionamento da prática sexual. Cento e vinte e cinco (125) estudantes (do total de 198 questionários) responderam à questão "na sua opinião ser virgem é": 77% "decisão de cada um", 17% "motivo de orgulho", 4% "não sabe" e 2% "motivo de vergonha". Destaca-se, no resultado, a preeminência do valor da "escolha" (77%), argumento que também prevalecerá nos casos sobre homossexualismo, como veremos mais adiante.

Outro dado que nos chamou atenção foi o que qualificou a virgindade como "um motivo de orgulho". A princípio pensamos que este poderia ser uma chave para introduzirmos a relação entre religião e sexualidade, no sentido de sua influência. Entre o grupo masculino, a virgindade vista como "um motivo de orgulho" apareceu em sete (10%) dos questionários. Dentre estes, cinco são católicos, um se identificou como Testemunha de Jeová e o outro como cristão, sendo que nesses dois últimos casos ambos indicaram um alto grau de adesão, freqüentando suas respectivas igrejas três vezes por semana. Apenas um católico diz freqüentar a igreja uma vez por semana, dois dizem que vão mensalmente, e os outros dois não freqüentam a igreja. Ainda aparecem no grupo masculino dois evangélicos que indicaram forte adesão – duas vezes por semana –, mas que se juntam à maioria, aderindo à liberdade de escolha.

No aspecto geral, podemos seguir a observação de Mariz[12] sobre a opinião dos evangélicos a respeito do aborto, para

[12] C. MARIZ, A opinião dos evangélicos sobre o aborto, p. 211-223.

analisar os resultados obtidos em nossa pesquisa - em relação à virgindade, uso de contraceptivos, homossexualismo, e também o aborto - de que a religião não é a única ou a mais importante variável na formação das opiniões sobre esses temas. O subjetivismo, como um senso de autonomia pessoal, pode ser encontrado tanto no caso dos católicos quanto no dos evangélicos, dos espíritas e dos "sem religião".

No entanto, a relação entre "orgulho de ser virgem" e adesão religiosa está fortemente marcada entre os evangélicos. Temos aqui a confirmação dessa característica nos casos onde a freqüência às respectivas igrejas era de três ou mais vezes por semana. Temos os exemplos dos "Testemunhas de Jeová", de grande parte dos evangélicos e, em especial, do islamismo (apenas uma estudante).

No grupo feminino, a virgindade como um "orgulho" foi indicada por dezesseis (15%) estudantes: oito católicas, quatro evangélicas, duas espíritas, uma muçulmana e uma "sem religião". Entre essas católicas e espíritas a adesão religiosa não é um fator preponderante na inter-relação entre início da vida sexual e religião. As evangélicas e a muçulmana, além de demonstrarem uma alta freqüência característica, demonstraram conhecer as orientações de suas respectivas religiões a respeito da virgindade. Uma "cristã" escreveu no questionário o texto: "Nosso corpo é templo do Espírito Santo e Deus nos fez preparados para se relacionar somente com uma pessoa, no casamento". (16 anos, freqüenta sua denominação três ou mais vezes por semana).

Os resultados das questões[13] sobre homossexualismo masculino e feminino refletiram a valorização da autonomia individual em relação aos regimes dos prazeres e ao uso do corpo. Cerca de 59% do total dos estudantes que participaram da pesquisa responderam considerar o homossexualis-

[13] Questões: "Você considera o homossexualismo masculino" e "Você considera o homossexualismo feminino": 1. ( ) uma opção de cada um; 2. ( ) normal; 3. ( ) uma fase da vida de cada um; 4. ( ) uma doença; 5. ( ) um pecado; 6. ( ) não sabe; 7. ( ) outros.

mo masculino como "uma opção de cada um". No caso do homossexualismo feminino o resultado não foi muito diferente, com 57% indicando a mesma resposta. Observamos assim uma presença fortemente marcada do que Duarte[14] chama de "valores laicos", ou "ethos privado não-confes-sional generalizado", que atuam como estruturantes na sociedade moderna. Podemos sugerir, então, que a maioria dos alunos declara perceber o exercício da sexualidade, tanto no caso do início das práticas sexuais quanto do homossexualismo, como escolha essencialmente individual, um "subjetivismo", nos termos de Duarte, Jabor, Gomes e Luna.[15]

Houve uma grande dispersão entre as demais respostas, sendo que a segunda alternativa mais citada foi a que considerava o homossexualismo masculino como uma doença, com 8% das respostas – para 5% é normal e para 4% é um pecado, para 2% é uma doença e um pecado, etc. Aqui, há quase que uma inversão dos resultados com relação ao homossexualismo feminino, considerado como normal por 7% dos estudantes, e como uma doença por 5% deles. Os demais resultados são iguais para os dois casos.

Para essa primeira análise, trabalhamos com os resultados em que aparecia com maior clareza a interferência do ethos religioso, e fizemos cruzamentos com dados que sugeriam aspectos de adesão e identidade religiosa entre os estudantes.

Analisando os questionários dos estudantes do grupo masculino que consideraram o homossexualismo como doença e pecado, ou ambos, temos o seguinte resultado:

[14] L. F. D. DUARTE, Ethos privado e racionalização religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira. Comunicação apresentada ao Seminário "Religião e Sexualidade: Convicções e Responsabilidades".

[15] L. F. D. DUARTE; E. C. GOMES; J. JABOR; N. LUNA, Família, reprodução e ethos religioso – subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes.

Tabela 1 (Grupo masculino) – opiniões do homossexualismo como "doença" e "pecado"

	Homossexualismo Masculino	Homossexualismo Feminino
"é pecado"	3	4
"é doença"	7	2
"doença e pecado"	3	3
"opção e pecado"	1	1
"opção e doença"	1	1

Como podemos perceber, a maior variação refere-se à relação entre opiniões de estudantes que consideram o homossexualismo masculino e feminino como "doença": sete para o masculino (cinco católicos, um espírita e um "sem religião") e dois para o feminino (ambos católicos). Os três estudantes que consideraram o homossexualismo masculino como "pecado" emitiram a mesma opinião no caso feminino – um Testemunha de Jeová, um "cristão" (os mesmos que disseram que ser virgem "é um orgulho") e um católico "não-praticante". A combinação entre "doença-pecado" e homossexualismo (feminino e masculino) apareceu na opinião de três estudantes – um católico praticante (três vezes por semana), um católico (freqüência "mensal") e um "sem religião". Um dado interessante é que um "evangélico" considerou o homossexualismo ao mesmo tempo como "um pecado" e "uma opção" pessoal, pondo em destaque a questão do livre-arbítrio. Um dos estudantes, "sem religião", considerou que o homossexualismo feminino é um "pecado" e o masculino é uma "doença".

No grupo feminino, cerca de 93% consideram o homossexualismo uma "opção de cada um" (incluímos os que responderam "normal"). Oito estudantes o classificaram como "doença" (3% de 109 estudantes) ou "pecado" (5% de 109 estudantes). Analisando esses oito questionários, temos:

Tabela 2 (Grupo feminino) – opiniões do homossexualismo como "doença" e "pecado"

	Homossexualismo Masculino	Homossexualismo Feminino
"é pecado"	5	3
"doença"	3	3
"vergonha"		1
"normal"		1

Esse pequeno grupo é composto por cinco evangélicas que consideraram o homossexualismo em geral como "pecado" (3) e "como doença" (2). Para uma espírita e uma católica, o homossexualismo masculino é um "pecado", mas o feminino é "uma vergonha" para a primeira e "normal" para a segunda. Outra católica acha que o homossexualismo em geral é uma "doença".

Embora tenha havido a predominância de respostas que apontam para a "liberdade individual" no caso do homossexualismo, temos que tomar alguns cuidados por se tratar de uma pesquisa quantitativa, estando atentas à especificidade das condições de sua aplicação – realizada dentro do espaço escolar, em turmas que já haviam discutido, anteriormente, o assunto com a professora que aplicou o questionário. Por isso, "liberdade individual" não remete, necessariamente, à aceitação da diferença, e sim, talvez, a uma "tolerância externalista" da diferença.

A problematização dessa questão tornou-se mais premente quando a professora nos relatou um caso ocorrido após a realização da pesquisa, com grande preocupação e tristeza, sobre um aluno da escola que assumiu a homossexualidade e foi duramente perseguido pelos demais estudantes do colégio. Este aluno abandonou a escola, sem que isto fosse questionado ou discutido pela direção, que viu sua atitude como uma espécie de "alívio". Neste sentido, o homossexualismo é uma "opção de cada um" desde que não se conviva com ele, ou, como dizem as expressões populares: "cada um que fique com seu cada qual", "eu aqui, ele lá", "desde que ele não venha me cantar" e "cada macaco no seu galho".

Como vimos anteriormente, na maior parte das opiniões dos alunos a respeito da virgindade e do homossexualismo prevaleceram as respostas de defesa do "subjetivismo" e da "vontade individual" como integrante da "natureza". Pode-se argumentar que esse resultado deriva da maioria católica da amostra, que expressaria a frouxa adesão dos católicos brasileiros aos cânones da Igreja e a preeminência do valor público da liberdade pessoal. Talvez, se nossa pesquisa fosse realizada no Rio de Janeiro – região com um número significativo de evangélicos –, tivessem prevalecido respostas a favor da virgindade até o casamento e da associação do homossexualismo a doença e/ou pecado. Entretanto, as diferenças de opinião em relação ao aborto provavelmente não se distinguiriam muito.

Em trabalho anterior[16] analisamos – a partir de material etnográfico – a hipótese da prevalência, na cultura ocidental moderna, de determinados valores laicos não confessionais inquestionáveis e "naturalizados", como a "liberdade" individual (subjetividade, escolha, autonomia) e a concepção de "natureza" (vida, sangue etc.), que orientariam o *ethos* privado do sujeito. Apontávamos para a inversão, na vida cultural contemporânea, da relação entre cosmologia religiosa englobante e especulações laicas englobadas: os valores laicos tomariam a forma de uma ideologia englobante e a cosmologia religiosa se fragmentaria, e cada "religiosidade" estabeleceria um tipo de relação com a ideologia moderna.

As análises de Strathern[17] e Schneider[18] apontam para o caráter de continuidade destes dois valores – que designamos "subjetivismo" e "naturalismo" – na representação do "parentesco anglo-americano". Segundo estes dois autores, a concepção de "cultura" da cosmologia moderna, representada pela idéia de *choice* por Strathern e de *order of law* por Schneider, quando carregada de positividade, é uma extensão da idéia de "natureza". A "cultura", nestes casos, possibilitaria um retorno à "verdadeira natureza".[19]

[16] L. F. D. DUARTE; E. C. GOMES; J. JABOR; N. LUNA, Família, reprodução e ethos religioso – subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes.

[17] M. STRATHERN, *After Nature: English Kinship in the Late Twentieth Century.*

[18] D. SCHNEIDER, *American Kinship: Cultural Account.*

[19] "The contradiction between the good and the bad parts of nature, as they are

Não cabe aqui discutir as diversas concepções de "natureza" e "cultura" na história do pensamento ocidental moderno, mas apenas ressaltar que a relação entre esses dois valores, seja de oposição, seja de extensão, é estruturante na cosmologia moderna. A tensão entre "subjetivismo" e "naturalismo" evidencia-se quando se trata dos pontos críticos do *ethos* privado, como a virgindade, o aborto e a homossexualidade.

Ao analisar nossos dados sobre aborto, verificamos que 27% dos alunos se dizem absolutamente contra o aborto em qualquer situação. Este dado é um exemplo excelente para pensarmos a articulação entre "subjetivismo" e "naturalismo". Por um lado, aparece nitidamente o valor conferido à "vida" e sua superioridade em relação à "escolha" da mãe. O valor genérico que se atribui à vida humana ou à natureza não se restringe a uma visão de mundo religiosa. No caso do aborto, talvez, seja acrescido ao valor conferido à "vida" em sentido lato o valor conferido ao embrião enquanto pessoa.[20] Neste caso, a própria "subjetividade" do embrião estaria sendo violada em proveito dos pais.

A aceitação pelo aborto é de 7% para os casos em que os estudantes combinaram os casos de doença fetal, risco de vida da mãe e estupro. Apenas 1% é a favor do aborto como uma "opção da mulher" e 2% em caso de "dificuldade financeira". Destacam-se, entretanto, aqueles que optaram exclusivamente pela resposta referente ao aborto em caso de estupro (20%), o que revela a valorização da escolha e da vontade dos indivíduos para o ato sexual, ou seja, a crucialidade da gestão subjetiva dos prazeres, do corpo e dos afetos para a cosmologia moderna.

---

contained in man as an animal and as a part of nature himself, and the contradiction between the fact that if a man departs too far from nature nothing but bad (unnatural) can result are resolved by the order of law. According to the postulates of American culture the order of law is the outcome of the action of human reason on nature." D. SCHNEIDER, *American Kinship: A Cultural Account.*

[20] N. LUNA, Provetas e clones: *teorias da concepção, pessoa e parentesco nas novas tecnologias reprodutivas.*

Conclusão: ou uma breve consideração "final"

Ao apresentarmos esse primeiro panorama, tivemos o objetivo de expor e colocar em debate as impressões iniciais sobre os resultados da pesquisa realizada, destacando algumas possibilidades de conexões com a temática que orienta nossa pesquisa sobre "Família, Reprodução e Ethos Religioso" – numa tentativa de mapear implicações e confluências entre o pluralismo religioso contemporâneo e as opiniões sobre virgindade, homossexualismo e aborto, que serão aprofundadas em outra etapa da pesquisa.

Bibliografia

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo Nova Era*, Petrópolis: Vozes, 2000.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Ethos privado e racionalização religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira. Comunicação apresentada ao Seminário "Religião e Sexualidade: Convicções e Responsabilidades". Rio de Janeiro: CLAM/IMS/UERJ, 2003.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine Campos; JABOR, Juliana; LUNA, Naara. Família, Reprodução e ethos religioso – subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes. Recife: Reunião Brasileira de Antropologia, 2004.

FERNANDES, Rubem Cesar (ed.) *Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na Igreja e na política.* Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

JACOB, C. R. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil.* Rio de Janeiro: PUC-RJ / Loyola, 2003.

MARIZ, Cecília Loreto. A opinião dos evangélicos sobre o aborto. In: FERNANDES, R. C. *Novo nascimento; os evangélicos em casa, na Igreja e na política.* Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 211-223.

MARIZ, Cecília Loreto; MACHADO, Maria das Dores Campos. Mudanças recentes no campo religioso brasileiro.

Rio de Janeiro: *Antropolítica*, 1998, n. 5, p. 1-106.

LUNA, Naara. *Provetas e clones: teorias da concepção, pessoa e parentesco nas novas tecnologias reprodutivas.* Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 2004.

NOVAES, Regina. Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. *Comunicações do ISER*, n. 45, A Dança dos Sincretismos. Rio de Janeiro: ISER, 1994.

SCHNEIDER, David. *American Kinship: A Cultural Account.* New Jersey: Prentice Hall, 1968.

STRATHERN, Marilyn. *After Nature: English Kinship in the Late Twentieth Century.* Cambridge: Cambridge University Press, 1992.